TRANSPACÍFICO

IMPORTANTE ACORDO GLOBAL PARA O MERCADO AGRÍCOLA

GLAUCO RODRIGUES CARVALHO
Pesquisador da Embrapa Gado de Leite

SAMUEL JOSÉ DE MAGALHÃES OLIVEIRA
Pesquisador da Embrapa Gado de Leite

JULIANA MOTA MONTEIRO DA SILVA
Estudante de Economia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

O TRANSPACÍFICO é o primeiro grande acordo comercial concluído nos últimos vinte anos, desde o fim da Rodada Uruguai da Organização Mundial do Comércio (OMC). A edição de novembro de 2015 da ***Agroanalysis*** trouxe um artigo sobre o acordo e os possíveis impactos sobre o agronegócio brasileiro. O objetivo aqui é agregar mais algumas informações sobre o acordo com base nos principais dados econômicos do bloco e na participação dele nos mercados de *commodities*.

O acordo foi firmado em outubro de 2015 entre doze países banhados pelo Oceano Pacífico. Pelo lado da oferta, grandes produtores de alimentos – notadamente Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia e Canadá – terão vantagens sobre concorrentes brasileiros em mercados extremamente fechados, como o Japão, e em emergentes com demanda crescente por alimentos, como Vietnã e Malásia, todos partes do acordo. Pelo lado da demanda, tem-se os Estados Unidos como o maior mercado consumidor do Planeta.

Enquanto os países que compõem o novo bloco dão exemplo de assertividade em questões comerciais, é notória a paralisia do Brasil. Há doze anos, o País esteve na liderança de negociações internacionais, com protagonismo na Rodada Doha, na discussão da Área de Livre-Comércio das Américas (ALCA) e no acordo com a União Europeia (UE). Mas, nenhuma das iniciativas foi concretizada, e, atualmente, existem vários acordos bilaterais celebrados ao redor do globo sem a participação brasileira. Cerca de 40% do comércio mundial atual dão-se com bases estabelecidas em acordos bilaterais. É grave e impactante a ausência do Brasil nestas negociações, sobretudo olhando para uma agenda de longo prazo.

Somados, os países signatários do Transpacífico possuem uma renda nacional de US$ 28,9 trilhões, uma população de 810 milhões de habitantes e uma renda *per capita* bruta de US$ 35.718 (equivalente à da UE). Os valores da renda bruta e da renda *per capita* do bloco estão muito acima dos de países importantes como a China e o Brasil, ilustrando a importância deste bloco econômico. Os países que o compõem respondem por cerca de 40% da renda bruta mundial, concentrando 11% da população mundial e uma renda *per capita* três vezes superior à média mundial.

No mercado de *commodities* agrícolas, a participação do Transpacífico é significativa em qualquer comparação, seja de oferta ou demanda. Os países-membros do bloco são bastante ativos no comércio global, com uma participação acima de 30% na exportação e na importação mundial de várias *commodities*. O consumo doméstico é robusto, também, na comparação global, sobretudo em suco de laranja, milho, carne de frango, carne de boi, café e produtos lácteos.

Espera-se que o Transpacífico crie novos mercados para seus países-membros, com a eliminação de tarifas em países como Japão, Brunei, Vietnã,

Malásia e Peru. Um potencial beneficiário desse acordo serão os Estados Unidos, que possuem forte competitividade em vários mercados. Vale ressaltar que, em alguns casos, como nos do Chile, da Austrália, de Singapura e do México, não haverá grandes mudanças em relação ao comércio com os Estados Unidos, pois já existem acordos em andamento.

O Brasil possui participação importante no mercado mundial, seja como produtor ou exportador, para a maioria dos produtos destacados. A assinatura de acordos bilaterais com as nações mais importantes do globo poderia beneficiar, no longo prazo, *commodities* produzidas pelo País, impulsionando o agronegócio e a geração de emprego e renda. Os acordos bilaterais celebrados pelo Brasil restringem-se, basicamente, ao Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) e a algumas iniciativas associadas a este com Peru, México, Cuba, Índia e Israel. Considerando que grande parte do comércio global se dá via acordos bilaterais, tornam-se necessários um maior esforço de acesso a mercados e a criação de acordos comerciais. No longo prazo, os acordos bilaterais poderão fazer diferença, e uma nação que ocupa posição estratégica no comércio agrícola internacional não pode ignorar essa realidade. ■

INDICADORES PARA BLOCOS ECONÔMICOS E PAÍSES SELECIONADOS
(EM 2014)

PAÍS OU BLOCO	Renda nacional bruta (US$ trilhões)	População (milhões)	Renda *per capita* (USD)
União Europeia	18,2	508	35.718
China	10,1	1.364	7.400
Brasil	2,4	206	11.530
Transpacífico	**28,9**	**810**	**35.718**
Mundo	78,3	7.261	10.787

Fonte: World Bank; adaptado pela Embrapa (2016)

PARTICIPAÇÃO DO TRANSPACÍFICO E DO BRASIL NO MERCADO MUNDIAL DE *COMMODITIES* SELECIONADAS, EM 2015
(VALORES PERCENTUAIS SEGUNDO VOLUME)

COMMODITIES	Transpacífico				Brasil
	Produção	Importação	Exportação	Consumo doméstico	Exportação
Suco de laranja	26,1	34,6	15,6	42,9	75,3
Soja – grão	35,7	8,7	38,7	21,7	43,9
Açúcar	13,7	18,2	10,6	15,2	43,4
Frango	31,4	26,0	32,1	30,7	36,6
Café	23,7	35,9	25,6	29,4	30,7
Soja – farelo	22,5	21,8	16,6	24,0	23,5
Milho	40,5	31,2	39,3	39,4	21,8
Boi	31,0	43,4	42,5	30,6	16,9
Soja – óleo	23,0	11,1	12,6	22,7	11,8
Suíno	17,1	52,7	54,2	16,7	7,9
Lácteos	31,3	31,7	57,1	27,3	0,6

Fonte: USDA; adaptado pela Embrapa (2016)